

# MUNDARÉU

**MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA**  
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

**MUNDO NA SALA DE AULA**  
Terceira Temporada  
Episódio 21: PIBEX - Diálogos em extensão

Transcrição do episódio: Irene do Planalto e Raissa Almeida (UnB)  
Revisão da transcrição: Anita Ferrari, Irene do Planalto e Soraya Fleischer (UnB)

Legendas

Blocos

Sonoplastia

## ABERTURA

[Música de abertura: "Ode ao Bozo", Gatunas. Solo de guitarra, melodia rápida com levada aventureira. Bateria ao fundo. Os instrumentos dão uma rápida pausa e, em seguida, entram num balanço de rock e ska. Os instrumentos seguem em volume reduzido ao fundo da voz da apresentadora]

[A música vai se misturando ao som de murmurinho de vozes. O som da porta do ônibus se fechando, o motor do ônibus acelerando]

**Irene:** Longos caminhos percorremos dentro e fora da universidade... Sejam os trajetos físicos, de transporte público, bicicleta, ou de carro, entre nossas casas e os locais de estudos... Sejam as trajetórias pessoais, desde antes do vestibular de ingresso na graduação, passando pelos tantos caminhos que o mundo universitário nos proporciona, assim como os vários desafios e perrengues até decidir os rumos profissionais que o almejado diploma pode nos trazer.

**Rai:** Quando a gente entra na graduação, tem um monte de novidade, gente nova pra conhecer, lugares diferentes, siglas pra tudo... Um monte de informação que parece super importante... Muitas vezes a gente demora pra se acostumar com as palavras e vocabulários, uma formalidade maior em algumas aulas... são tantas novas teorias e a gente fica pensando como colocar um pouco desses aprendizados em prática também, né...

**Irene:** Como unir teoria e prática, dar sentido ao que aprendemos em aula? Como experienciar as possíveis profissões que o curso oferece, conhecer o dia a dia de uma assessoria política ou ONG, por exemplo, de uma professora numa escola ou em uma universidade, uma servidora pública ou tantas

outras profissões que as ciências sociais ofertam? E... quais pontes a gente tem construído entre universidade e sociedade, entre o que aprendemos e as pessoas com quem a gente convive né, as nossas famílias, nos nossos bairros, ou cidades?

**[Barulho de ônibus e murmurinhos aumentam novamente. Som de “clique”, a música volta a tocar num balanço de rock e ska, onde a guitarra fica em evidência e depois toca ao fundo das falas]**

**Rai:** Você está no Mundo na sala de aula! Aqui a gente conversa sobre vivências da vida universitária. Nessa temporada, estamos ouvindo histórias de estudantes de graduação da UnB e da Unicamp sobre projetos e esferas da universidade, como a iniciação científica ou à docência, a extensão, a militância, entre outros. Eu sou a Rai,

**Irene:** Eu sou a Irene, e hoje, vamos conversar sobre um pilar muito importante da universidade: a extensão!

**Rai:** Vamos conhecer dois projetos de extensão que ampliam o conhecimento científico para além da sala de aula. Recebemos aqui o projeto LaPPA – Laboratório de Pesquisa e Extensão com Povos Tradicionais, Ameríndios e Afro-americanos, do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas IFCH-Unicamp, coordenado pelo prof. José Maurício Paiva Andion Arruti e representado pelo extensionista Alexander Pereira.

**Alexander:** A gente faz uma extensão em comunidades quilombolas e trazemos essas comunidades para dentro da academia né, essa ocupação... ela muda o conhecimento, ela muda as relações de aprendizagem e de produção em si, né?

**Irene:** e também está com a gente o projeto Ciências Sociais nas Escolas, também chamado de CISO, do Departamento de Sociologia da UnB, coordenado pelo professor Stefan Klein e representado aqui hoje pelo extensionista Hirlan Delfino Lopes de Alcântara.

**Hirlan:** Eu gosto bastante quando eu chego na sala de aula porque.. assim, imagine você chegar numa sala com 40 e poucos alunos e todo mundo te chamar de professor e te reconhecer de longe...

**[Música de transição #1: Instrumental, destaque para a guitarra com efeito que reverbera e dá profundidade na melodia que se repete. Ritmo lento do maracá. Sons de pássaros e flauta ao fundo]**

**BLOCO 1: Descobrimo (ou sendo descoberte) pelo projeto**

**Irene:** Sejam muito bem vindos, obrigada por terem topado conversar com a gente!

**Rai:** Então pessoal, vocês podem começar se apresentando e falando um pouco mais sobre o projeto do qual vocês fazem parte?

**Alexander:** Bom, olá a todos, todas e todes. Eu sou o Alexander, tenho 22 anos, sou do interior de São Paulo, uma cidade chamada Taquaritinga. É, me mudei para Campinas em 2019, quando eu ingressei na Unicamp. Estou no sétimo semestre da graduação em Ciências Sociais, é... desde 2020 sou bolsista de iniciação científica, PIBIC CNPQ, né... eu vim aqui para colaborar e falar um pouco sobre o Lappa, o laboratório que eu participo dentro da Unicamp.

**Hirlan:** Me chamo Hirlan, eu tenho 20 anos, tô no quarto semestre de Ciências Sociais aqui pela Universidade de Brasília e atualmente eu faço parte do Ciências Sociais nas Escolas, que é o projeto de extensão da licenciatura.

**Alexander:** Sobre o LAPPA,

**Irene:** Aqui, é novamente o Alexander, só a gravação dele que ficou um pouquinho diferente.

**Alexander:** Ele é o Laboratório de Pesquisa e Extensão com Povos Ameríndios, Americanos e Tradicionais do Centro de Estudos Rurais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Hoje o LAPPA conta com diversas atividades acadêmicas no que diz respeito a temas envolvendo tanto comunidades indígenas, quanto comunidades quilombolas.

**Hirlan:** Ahn, o CISO nasceu, é... pela necessidade de ter algo além do estágio obrigatório né, muitos chegavam no estágio obrigatório tendo só aquela experiência como docente, né.

**Irene:** O estágio obrigatório, que o Hirlan citou, é o Estágio Supervisionado das Licenciaturas. São matérias que a gente vai pras escolas conhecer mais a vida de professora, as diversas atividades que envolvem o dia a dia da prática docente. E aí, pra quem busca mais tempo de experiência e formação no contexto dos sistemas públicos de ensino, tem outros projetos de extensão também, como o Ciências Sociais nas Escolas, ou CISO.

**Hirlan:** E a gente dentro do CISO, a gente trabalha na questão de tentar auxiliar o professor dentro da sala de aula né, construindo planos de aula, é, mandando materiais e tudo mais.

**[Música de transição #2: Riffs de guitarra que se repetem, acompanhados de toques suaves e ritmados de bateria ao fundo]**

**Irene:** Os projetos de extensão criam pontes de conhecimento entre a sociedade, né? A gente transporta e produz conhecimento nos deslocamentos que realizamos, física ou simbolicamente. Hirlan, como você conheceu o CISO e como é o seu percurso de atuação no projeto?

**Hirlan:** Ham.. Eu conheci.. quando eu entrei na, na UnB, eu entrei no projeto extensão da Empresa Júnior né, tentando entender um pouco mais que que seria as Ciências Sociais, eu sabia que eu queria fazer Sociologia, né, só que eu não sabia quais eram os outros mercados e tudo mais... Aí eu entrei na Empresa Júnior, tive contato muito com dados, ciências de dados e tudo mais... E eu já tinha, desde cedo, interesse de ser docente, né, só que eu ainda não sabia se era isso eu queria ou não, né, então quando abriu o processo seletivo... e eu corri para saber que que eles faziam, qual era o projeto, quais eram os objetivos, se eu podia entrar realmente né, porque eu tava recém

ingresso, é, ainda não tinha passado nada por... teorias da educação e tudo mais né, nem metodologia. Porém é... quando eu entrei, eu percebi que eu ia conseguir construir isso através da prática, né... acho que é basicamente isso que me, que acendeu a chama para eu entrar no CISO. Ham, no meu caso é, a minha escola de atuação é o CED Stella dos Querubins, em Planaltina, e eu moro em Planaltina, né.

**Irene:** Para quem não é aqui da UnB, ou de Brasília, é bom explicar que Planaltina é uma das 33 regiões administrativas do Distrito Federal. É uma cidade que fica mais para a parte nordeste do quadrilátero, no limite com o entorno do DF.

**Hirlan:** É, então, é, a escola fica aproximadamente 1,5 km, é, então eu consigo ir a pé e é interessante o objetivo do projeto né que também é tentar estar junto a sociedade né. Eu gosto bastante quando eu chego na sala de aula porque assim, imagine você chegar numa sala com 40 e poucos alunos e todo mundo te chamar de professor e te reconhecer de longe né, principalmente quando você é da comunidade, e você tá andando na rua e falar "olha mãe, meu professor"... é, isso dá um.. uma chama assim né? Dá um certo prazer, de ser reconhecido e tudo mais. E eu acho, é, esse é meu caminho, praticamente, eu saio de casa e vou direto na escola.

**Rai:** E você, Alexander, como você descobriu o projeto LAPP? E... E o que você tem feito atualmente no projeto?

**Alexander:** Então... eu brinco que, assim, eu não descobri o LAPP, ele que me descobriu, assim.. no começo de 2020, né teve um processo seletivo do meu orientador, que ele buscava um assistente de pesquisa pro AFRO-CEBRAP, é, que posteriormente eu fui me tornar o assistente de pesquisa dele lá, só que no momento não deu certo e ele falou "oh, eu gostei de você, você, sabe, mostra um potencial, um interesse... vamos tentar uma IC!".

**Irene:** Aqui, o Alexander comenta sobre a iniciação científica, chamado de "IC" na Unicamp, e na UnB a gente chama de PIBIC, que é a sigla pra Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. É muito interessante ver como os projetos podem começar com uma pesquisa, e depois virar extensão e por aí vai...

**Alexander:** Desenvolvemos o projeto de IC e ok! Daí depois disso ele falou: "Ah tem esse laboratório aqui que você... que a gente vai... que você vai ser inserido, e tem os pesquisadores, a gente desenvolve tais atividades, tais reuniões..." E quando eu vi eu estava dentro [riso] das reuniões participando, o que vem sendo muito bom pra mim... Dentro do LAPPA virei um faz-tudo assim [risonho] estava dentro de várias iniciativas, tanto falando de, é, conflitos fundiários quanto falando de educação quilombola, tanto de algumas questões envolvendo acesso à justiça, né... Então, eu fui entrando e estou dentro sabe? Fui encontrado assim pelo Lappa. É, integrei até maio o... a equipe do Boletim Panorama Quilombola né? E hoje ham, estamos na reta final também de uma disciplina de extensão ocorrendo na Unicamp, que é "Quilombos e Esfera Pública". É, venho acompanhando a disciplina, como aluno e como auxiliar também do Arruti, meu orientador, porque a UNICAMP recentemente começou com essa curricularização, né? Da extensão e tudo mais... então é uma das primeiras, é, disciplinas de extensão que existe na UNICAMP. Hoje em dia também a disciplina, é, acontece dentro de uma sala da UNICAMP para os alunos da UNICAMP, como eu, e no formato

online, né? Então é um formato híbrido, presencial e online para os outros participantes, que são de membros de comunidades quilombolas, tanto quilombolas em si quanto educadores dessas comunidades, e também alguns professores da rede daqui de Campinas. Na disciplina, a proposta também era ouvir, trazer convidados de comunidades quilombolas. A gente foi falar de educação escolar quilombola, trouxemos a Givânia Silva, que é assim, a maior... assim, não tem como falar de educação quilombola sem falar da Givânia, sabe? Ou falar, ou contextualizar o momento atual de desafios, é, da conquista de direitos e trouxemos o Bico Rodrigues, que é uma outra liderança grande da CONAC. Pra mim, eu ia até citar isso como algo que me marcou dentro desse processo atual que é ter esse contato né, com essas pessoas né?

**[Música de transição #1: Instrumental, destaque para a guitarra com efeito que reverbera e dá profundidade na melodia que se repete. Ritmo lento do maracá. Sons de pássaros e flauta ao fundo]**

## **BLOCO 2: Histórias marcantes**

**Rai:** Caraca, Alexander, eu achei o máximo o que você trouxe pra gente. Eu fiquei até curiosa pra ver mais de pertinho essa disciplina. Então, a gente já entrou no tema das histórias marcantes, será que vocês podem contar mais pra gente quais outras experiências foram importantes pra vocês ao participar desses projetos?

**Alexander:** é... no âmbito da pesquisa é... integrei o boletim Panorama Quilombola, que é uma parceria do Lappa com o Afro CEBRAP, que a intenção é desenvolver produções semestrais é, sobre temas, sobre notícias, entrevistas com personalidades quilombolas. Então a gente tem edições fazendo um balanço de notícias do que aconteceu em comunidades quilombolas em 2021. Algumas edições sobre temas específicos é, com artigos de quilombolas e estudiosos sobre comunidades quilombolas, né? Falando sobre educação, falando sobre acesso à justiça... E repetindo esses temas também, é, produzindo entrevistas com personalidades. Dentro dessa questão, é... uma que me marcou muito, da edição é, de acesso à justiça que a gente entrevistou a.. a Versilene Dias, primeira mestre quilombola do país, fez mestrado em direito agrário. É... assim, é enriquecedor assim pra experiência você ter- nem só pra sua vida acadêmica, mas pra sua vida pessoal-, você ouvir essas pessoas, outras realidades, outras lutas, enfim... e eu acho que isso me marcou muito... uma frase da Versilene, ela lembra de que ela nasceu em conflito, né? Tipo, desde pequeno você vivencia um conflito sobre seu território, sobre o direito de viver, sobre permanecer naquele lugar. Eu acho que, isso, é, uma das coisas que mais me marcaram, ter esse contato, ouvir essas pessoas, né.

**Hirlan:** Quando eu cheguei na escola, é, a primeira coisa que me perguntaram era assim eu tinha que pagar para estudar, né. A gente atua com os alunos do primeiro ano, né, e eles não tinham aquele acesso de saber é, que a universidade é pública nem que não precisaria pagar nenhum tipo de mensalidade, né. Quando eu cheguei lá eu apresentei a universidade, eles ficaram encantados, muitos ficaram interessados em saber quais eram os cursos que tinham, é, se ele poderia, sei lá, fazer é, Direito e virar um advogado sem pagar e como funcionava a nota né como você pode entrar e tudo mais. E é interessante que a gente, dentro da eletiva, a gente tava trabalhando um pouco do PAS, o Programa de Avaliação Seriada. E eles iam, em tese, fazer o PAS 1 esse ano né então, é, foi uma maneira da gente tentar trazer um pouco da realidade né, da universidade tudo mais. E eu

consegui me aproximar muito mais porque, assim, a escola é de Planaltina, eu sou de Planaltina, eu sei as dificuldades que é de sair de uma região administrativa para chegar no centro. Eles tinham essa visão tipo, "Nossa, vou ter que ir pegar o ônibus, vou ter que sair de casa, é, de madrugada para conseguir chegar no horário e tudo mais" né eu consegui trazer um pouco dessa, dessa visão.. Eu tento ser o máximo, é, acolhedor naquele momento né. E no CISO né, na sala é tava eu e mais uma pessoa né, então era uma conversa, era um momento muito descontraído e de muito aprendizado né, enquanto a gente já conseguia aprender muito com eles e eles aprendiam muito com a gente né, e é basicamente isso.

**Alexander:** Uma coisa interessante que o Hirlan comentou e eu acho que eu venho pensando muito nisso também, é... não só sobre essas experiências com projeto de extensão mas outras também que eu venho tendo em questão de prática docente e tudo mais, é, assim como ouvir essas personalidades quilombolas... elas me fazem pensar numa educação acolhedora, né? Uma educação que tipo você esteja disposto a, é, acolher e ouvir aquelas pessoas como aquelas pessoas trazem as experiências delas pra dentro da sala de aula e a partir disso produzem conhecimento, né. Discutem e produzem em forma coletiva. E isso vem sendo muito interessante no projeto em si, eu tenho esses contatos com essas pessoas. Por exemplo, nessa entrevista né, que a gente conversou com a Sandra Andrade, a Sandra, assim, é uma pessoa maravilhosa que eu já via em lives e tudo mais por aí, tipo, ter conversado com ela foi um prazer enorme, assim... ahn, e teve um momento que ela se emocionou falando sobre a questão da luta quilombola e enfim, sobre todo momento e tensões que ela já vivenciou, né? Em anos de luta. E... Assim, ver uma senhora negra quilombola, os olhos cheios de lágrimas, né, assim, em emoção, falando de toda a sua trajetória em si, é algo que te marca, sabe? Então eu acho que é mais nesse sentido, desse contato que acaba te edificando, **eu acho que enriquecendo sua existência na terra em si.**

**[Música de transição #1: Instrumental, destaque para a guitarra com efeito que reverbera e dá profundidade na melodia que se repete. Ritmo lento do maracá. Sons de pássaros e flauta ao fundo]**

### **BLOCO 3 - AS AÇÕES E AS MEMÓRIAS**

**Irene:** Nossa gente, que experiências e trocas incríveis que vocês estão nos contando, com uma sensibilidade que potencializa a produção de conhecimento. Eu fico pensando como a extensão é fundamental para unir a pesquisa e a educação, o bacharel e a licenciatura, essas esferas da produção científica.

**Rai:** A extensão articula diversos pontos de vista e promove a participação da sociedade na produção de conhecimento, né! E pra gente, estudante de graduação, oferece ótimas oportunidades pra conhecer na prática o mercado de trabalho pra nossa área. E aí, como vocês sentem isso, Hirlan e Alexander? Como vocês percebem a contribuição dos projetos de extensão?

**Hirlan:** Eu acredito que ela seja muito importante, principalmente quando você chega na graduação né, porque a graduação ele vai te dar vários nortes assim, qual com o emprego você pode seguir, tudo mais né. Quando eu entrei na Socius né, que é a empresa júnior, ela me deu um norte de saber qual é o Bacharel, que o Bacharel de Ciências Sociais pode fazer, quais são as atribuições e tudo mais,

né. E quando eu entrei no CISO, é, me deu outro norte e me deu outra visão do que que seria o cientista social, do que seria a própria função do educador né, e eu acho que isso é o interessante da extensão né, você não se rotula, você realmente vai em busca de várias nuances e vários objetivos várias profissões né, que você pode ir encontrando numa só graduação, né. E eu sinto muito orgulho é, do CISO, principalmente na área de atuação né, porque a gente entra numas escolas que são todas desassistidas, né, tem professor faltando, é...estrutura às vezes é muito precária, né. E a gente tem uma escola especial, que é o agro-urbano... uma escola rural né, e a gente começa a trabalhar e dar uma visibilidade maior a essas escolas, a trazer um pouco mais projeto né, e trazer um pouco mais de uma pedagogia diferente né, de uma pedagogia que você consegue é, mostrar para aquela realidade que a educação também é importante, que a vida não é só trabalho e exploração, acho que é esse que é o mais importante.

**Alexander:** Eu acho que quando a gente pensa extensão e você está em diálogo, por exemplo, a gente faz uma extensão em comunidades quilombolas e trazemos essas comunidades para dentro da academia, né, essa ocupação dos espaços muda o conhecimento, ela muda todas as as relações de aprendizagem e de produção em si, né? É, a gente tava, eu e mais três colegas, estávamos apresentando o LAPPA no UPA que é o “Unicamp de Portas Abertas” que acontece anualmente e tals.. para a comunidade externa da UNICAMP, né? Pra conhecer a UNICAMP em si. E gente tava comentando sobre isso, na UNICAMP há anos atrás, em comparação a hoje em dia, é totalmente sem graça assim, né... Um mar de pessoas brancas [risos], né, então tipo, não tem uma pluralidade e, por exemplo, a produção de conhecimento, ela é outra, totalmente diferente hoje em dia, porque pessoas ne- por exemplo, o caso da UNICAMP-, pessoas negras ingressaram fortemente na UNICAMP, como é meu caso. Indígenas, pras cotas indígenas... hoje em dia tem uma forte luta de cotas para pessoas trans na UNICAMP. Então, tipo, você pensa a produção de conhecimento sobre um viés antropológico, por exemplo, ganha novas perspectivas, né. Eu acho que estar em diálogo com as pessoas para fora da universidade é um desafio que a gente está traçando, nas extensões, nas iniciativas de extensões, né, dentro da universidade.

**Irene:** Se vocês puderem descrever, em duas palavras, o que vocês vão levar do projeto de extensão que vocês participam, quais palavras seriam?

**Hirlan:** Acho que eu vou levar amigos e memórias, né, é... porque dentro do projeto eu conheci muita gente, muita gente é, especial para mim né, e memórias principalmente nessa, nessa área de atuação né, porque entrar no projeto só me firmou mais a minha vontade de ser docente né, e de tentar trabalhar com a educação transformadora, com uma educação que não seja, é, bancária né, trazendo um pouco das teorias, uma educação que não seja opressora, né.

**Alexander:** Bom, eu acho que no meu caso o que eu levarei dessas experiências, né, como um todo, eu acho que... são memórias, eu acho que memória é uma palavra muito boa pra tudo que a gente vivencia, num âmbito acadêmico e também para fora da academia, e ancestralidade, eu acho que vem sendo algo muito forte pra mim. E eu tenho muito orgulho, assim, do LAPPA e os caminhos que o Lappa vem, é, seguindo nos últimos tempos. Principalmente como um projeto de extensão hoje. Nesse sentido, é, de ter potencialidade para colaborar com uma fase de conquistas dessas comunidades.

**Rai:** Ah, e com certeza vocês e os projetos colaboram muito pra sociedade sim! Eu fiquei muito feliz de conhecer essas histórias, com certeza vão servir de inspiração para outros projetos e ações de extensão! E até mesmo para quem nos escuta agora.

## **FECHAMENTO**

**[Música de fechamento: “Ode ao Bozo”, Gatunas. Solo de guitarra, melodia rápida com levada aventureira. Bateria ao fundo. Os instrumentos dão uma rápida pausa e, em seguida, entram num balanço de rock e ska. Ao longo da fala, a batida de rock vai se acentuando, com a guitarra em evidência]**

**Rai:** Hoje vamos ficando por aqui, mas agradeço demais a participação de vocês, a disponibilidade de tempo, a simpatia e a abertura pra compartilhar essas vivências com a gente.

**Irene:** A gente agradece demais a vocês, Hirlan e Alexander! Ser extensionista é fazer ciência de corpo inteiro, colocar nossas ideias em ação e aprender com quem está à nossa volta, e vocês nos inspiraram a fazer isso também. Pra acompanhar os projetos de extensão nas redes sociais, sigam o CISO no Instagram @ciso\_unb, e o LAPPA no site [etnico.wordpress.com](http://etnico.wordpress.com). Na descrição desse episódio, vocês encontram os materiais citados na nossa conversa, como o Boletim Panorama Quilombola, que o Alexander nos contou, entre outras referências bem legais. Já aproveitem pra seguir também o Mundaréu nas redes, estamos no @mundareupodcast. Temos também o site [www.mundareu.labor.unicamp.br/](http://www.mundareu.labor.unicamp.br/) e integramos a Rádio Kere-kere, uma rede de podcasts de antropologia, [www.radiokerekere.wordpress.com/](http://www.radiokerekere.wordpress.com/).

**[Música de fechamento: Guitarra fica em evidência ao longo da fala da apresentadora. O balanço de rock com ska se transforma em rock pesado, melodia rápida com levada aventureira. Bateria acelerada e com metais]**

**Rai:** A gente agradece novamente nossos convidados, a nossa equipe coordenada pela professora Soraya Fleischer e Daniela Manica, e a você, que ouviu até aqui! Até mais!

**[Burburinho de vozes, barulho das portas de ônibus se fechando e barulho do motor acelerando... o ônibus se afasta]**